

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURANT, Will. **Os grandes pensadores**. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2004. (Coleção a Obra-Prima).

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **O anticristo: Maldição do cristianismo**. Rio de Janeiro: Integral, 1988.

RANSON, Giles Thomas. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EpU, 1989.

REALE, Giovanni; e Antiseri, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. Vol. III. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

VICENTE, José João. **Da moral cristã à moral de Jesus**. in. *Jornal do Tocantins*, 2004.

Nietzsche acreditava piamente na maldição a que acometera o mundo ao ser contaminado pelo cristianismo, mas ao mesmo tempo era tomado pela figura de Cristo: "Cristo é o homem mais nobre"; "o símbolo da cruz é o símbolo mais sublime que jamais existiu". Nesse ponto ele fez distinção entre Jesus e o cristianismo, "o cristianismo é algo profundamente diferente do que o seu fundador quis e fez". Para Nietzsche as palavras dirigidas ao ladrão no fim de sua crucificação encerraram todo o Evangelho.

Assim a igreja cristã perverteu o cristianismo deixado por Cristo: "A Igreja cristã não deixou nada intacto, em sua perversão: ela fez de cada valor um desvalor, de cada verdade uma mentira, de toda a honestidade uma objeção da alma. A igreja, com o seu ideal, clorídrico da 'santidade', vai bebendo até a última gota todo o sangue, todo amor e toda esperança de vida". (Reale, Giovanni, 1991, p. 433).

Assim deixemos em aberto: será este o último dia, em seu coração, para o cristianismo? E o que fazer a partir de agora? Nietzsche responde: "buscar a transvalorização de todos os valores" (Reale, 1991, Giovanni, p. 433).

homem estava preso, ou seja, o eterno retorno. E quando alcançasse a plenitude ali sim estaria o super-homem, a superação do homem, a superação do divino, o nascimento de uma nova raça.

Todo esse processo de surgimento de uma nova raça, leva-nos a uma profunda reflexão, pois fomos criados com bases cristãs de acordo com Nietzsche ainda fazemos parte da raça dos fracos, o que fazer? Pois para se alcançar forma suprema de uma raça formada por eleitos devemos nos desfazer de nossos velhos valores.

A morte de Deus é a consumação de todo um pensamento cristão.

Concluimos que quando se fala que “Deus está morto” grande revolta traz aos que ainda estão presos à fé trazida pelo cristianismo, mas, se analisarmos de uma forma racional como propõe Nietzsche, veremos que mesmo o homem que se diz cristão vem ao longo dos tempos assassinando ao Deus que existe nele próprio.

A modernidade vem fazendo com que despercebidamente o homem esqueça de seu Deus. Mesmo os mais fracos têm se tornado tão gananciosos que sua fé tem sido cada vez menos evidente.

Conclui-se que Nietzsche foi bem claro em sua proposta de libertação do cristianismo, tornando-o um empecilho ao desenvolvimento humano e caracterizando-o como a maior forma de cadeia sobrenatural universal, já existente. “Dão-me pena desses padres (...)” já afirmava Nietzsche (Nietzsche apud REALE, 1991, p. 431).

Sua principal era redimi-los do seu redentor. Pois acreditava que esse mesmo redentor havia pervertido o homem quando o fez escolher para si o que lhe era nocivo. Assim ele dizia:

O que fez o cristianismo senão defender tudo o que é nocivo ao homem? O cristianismo considerou pecado tudo o que é valor e prazer na terra. Ele tomou partido de tudo que é fraco, abjeto e arruinado; fez um ideal da contradição contra os instintos de conservação da vida forte; desgastou até a razão das naturezas intelectualmente mais fortes, ensinando a sentir os supremos valores da intelectualidade como pecaminosos, como fontes de desvio, como tentações. (Reale, 1991, p. 432).

## CONCLUSÃO

“Crítico impiedoso do passado e inatual profeta do futuro, dessacrador dos valores tradicionais e propugnador do homem que está por vir” (Reale, 1991, p. 421): Assim foi Friedrich Nietzsche.

Nietzsche era polemico e assim sempre soube do seu destino, ele se considera o “homem da contradição”. Um dos mais polêmicos de seus ataques contra o cristianismo foi o mesmo que serviu de base principal para a construção dessa análise, “O Anticristo” (Der Antichrist). À medida que fomos analisando os argumentos de Nietzsche contra o cristianismo, percebemos que o principal ponto a que ele se apegava é que, para ele, a ética cristã era uma moral de escravos de gente fraca e vil que havia, através do cristianismo, enfraquecido o espírito senhorial e dominante dos aristocratas. Moral para ele significava uma forma de reprimir o homem, de impedir que o mesmo buscasse novos caminhos e novas direções.

Preso ao medo do desconhecido, o homem se enclausurava em um mundo de restrições, na certeza de que evitando cometer pecados conseguiria alcançar o paraíso.

Tudo isso nada mais prova, a não ser que o cristianismo realmente reprimiu o homem levando-o realmente ao niilismo, falseando a felicidade e incapacitando o homem de construir uma personalidade forte e transformadora.

Com seu espírito de contradição, ele proclamava: “Eu vos conclamo, meus irmãos, permaneçei fiéis à terra e não deis fé aos que vos falam de esperanças sobrenaturais! São envenenadores, conscientes ou inconscientes. São depreciadores da vida, moribundos, eles próprios envenenados: a terra está cansada deles; expulsai-os para sempre! (Reale, 1991, p. 422).

A seu modo, ele acreditava na terra em sua sublimação e de forma alguma acreditava necessitar um outro lugar que não fosse a terra e tudo que nela existe em oferta à superação do homem a si mesmo.

“Não escondais mais a cabeça na areia das coisas celestes, mas portai-a livremente: cabeça terrena, que cria, ela sim, o sentido da terra”.

Assim ele proclamava o fim das divindades, e aconselhava o homem a se firmar em si mesmo, em seus atos, na eterna busca ao qual ele acreditava que o

Meus irmãos, permaneçei fiéis à terra com todo o poder da vossa virtude. Sirvam ao sentido da terra o vosso amor dadivoso e o vosso conhecimento. Não deixeis a vossa virtude fugir das coisas terrestres e adejar contra as paredes eternas. Restituí, com eu, à terra a virtude extraviada. Sim; restituí-a ao corpo e à vida, para que dê à terra o seu sentido, um sentido humano. (Giles, 1989, p. 52).

Quando Nietzsche pede ao homem que seja fiel à terra, ele em mesma instância pede ao homem que exalte o momento presente, pois acredita-se que as atividades individuais do homem não são menos importantes que o estado de ser do homem em sua totalidade. O homem que chega à auto-perfeição afirma seu próprio ser por toda a eternidade, pois passam a viver a alegria do momento na idéia do eterno retorno sem nenhuma insatisfação com sua realidade. Essa satisfação surge a partir do momento que se sentem livres para agir já que não precisam ter receio quanto às conseqüências desagradáveis, pois acredita que tudo que fizeram já foi feita por eles um número infinito de vezes no paraíso. Já a busca pelo paraíso pregada no cristianismo, de acordo com Nietzsche, transforma a vida em uma experiência sofrida, cheia de dores e agonias.

O homem deve perguntar-se se o seu presente estado de ser é tal que é ainda imperfeito e não redimido, se o fato de ele ter que reviver cada dor, cada alegria, cada pensamento e cada suspiro de novo, inúmeras vezes, pode servir de maior estímulo para sua vontade de potência e para a alegre afirmação de si próprio e da vida. O que o capacita para desejar ardentemente essa última eterna confirmação? Exige-se um incentivo para o homem elevar o seu estado de ser: o de transpor o abismo do animal para a verdadeira humanidade, tornar-se super-homem. (Giles, 1989, p. 52).

O super-homem ama a vida e seu desejo é dar um novo sentido à terra, e é nesse ponto que está a sua vontade de poder. Os fracos são aqueles que se acomodaram na idéia de suportar a vida com seus velhos costumes na esperança de um dia encontrarem um reino de poder e glória no paraíso numa outra vida. Estes pobres de espírito serão destruídos por essa mesma idéia que defendem, enquanto os fortes farão dessa idéia seu último incentivo na busca pela perfeição. "Deus morreu; agora nós queremos que viva o super-homem". (Nietzsche, 1991, p. 437).

Vemos com essa afirmação que Nietzsche coloca o super-homem acima de todas as coisas até mesmo das leis da natureza que permite que o homem nasça com formas diferenciadas; para ele o super-homem supera essas estatísticas e se constitui perfeito a cada retorno, e por ser a raça forte não se adapta ao mundo que possui imperfeições. A raça forte supera essas falhas e se constitui melhor a cada vez que atravessa a ponte de uma margem para outra.

De qualquer forma essa não é a preocupação primeira de Nietzsche o super-homem que o preocupa é para ele o primeiro e último, e sendo este o criador, sua verdadeira preocupação “é o último retorno, a existência tal qual, sem finalidade, sem motivos, que se repete sem cessar, de uma maneira inevitável, sem um desfecho no nada, o anel do retorno das coisas, o rio que, por mil voltas, retrocede à sua nascente” (Giles, 1989, p. 51).

Assim o super-homem não precisa ter receio algum, pois tudo que poderá lhe acontecer já poderá ter lhe ocorrido alguma vez, dando a ele a segurança para enfrentar tudo que a ele vier. “Não devemos tornar eternamente por essa larga e lúgubre rua?” (Giles, 1989, p. 51).

Nietzsche acredita que a existência é eterna e sendo eterna será eternamente ação e dívida. “Tudo o que foi é fragmento e enigma e espantoso azar, até que a vontade criadora acrescente. Mas é assim que o quero! Assim o hei de querer”. (Giles, 1989, p. 51).

Podemos afirmar que o eterno retorno retira do íntimo do ser humano a desvalorização do finito causada pelo cristianismo; ao contrário dessa fé que leva o indivíduo o olhar para um outro mundo, um paraíso distante “oculto aos homens e nas entranhas de um ser que não fala ao homem, a não ser como homem” (Giles, 1989, p. 51).

Nietzsche prega a idéia de um novo orgulho que eleve o homem e seu espírito em busca de descobertas, conservando erguida a cabeça terrestre que acredite no verdadeiro sentido da terra, para aprenderem o sentido de sua própria existência, que é a busca para se tornar o super-homem; o credo daquele que é fiel à terra e que não acredita naqueles que falam de esperanças em outros mundos. As palavras de Nietzsche a este respeito são eloqüentes:

“Aquilo que serve de alimento e de fortaleza para as almas superiores e fortes é quase um veneno para o fraco”. (Giles, 1989, p. 50).

Ao fazer essa afirmação, Nietzsche esclarecia em poucas palavras o motivo pelo qual o fraco não se fortalece “da noite para o dia”. O fraco ainda está preso aos antigos costumes éticos, valores aos quais o impedem de alcançar a liberdade de buscar novos caminhos de se livrar da frustrada experiência de viver em um mundo impróspero esperando um paraíso pós-morte. E vivendo nessa expectativa não busca a essência da vida terrena, pois seu conformismo o torna vulnerável às imposições de um mundo constituído pelo cristianismo.

As diferenças que separam o homem do super-homem são mais significativas do que as diferenças existentes entre os homens e os animais, por isso mesmo que podemos afirmar que o que alimenta e dá vigor e força a um, é em mesma proporção veneno para o outro. O homem por si só é incapaz de acatar as necessidades do super-homem.

Nietzsche fundamenta o super-homem nos gregos com sua raça superior formada pela miscigenação de culturas; e acredita que o resultado desse caos formado por civilizações orientais é um modelo de raça purificada que tinha o poder de organizar esse caos.

“Só os fracos temem o caos, os fortes o organizam”. (Giles, 1989, p. 50). De acordo com os pensamentos de Nietzsche a raça-mestre será uma raça formada, no futuro, por filósofos e artistas que cultivam um autodomínio implacável.

Nietzsche acredita que é possível fazer uso da hereditariedade para se transmitir e perpetuar o poder que contém tanto a razão como a paixão, a vontade, a responsabilidade, e outras qualidades que predominam na raça forte. Dessa forma, estaríamos criando os eleitos, crianças livres de um sistema repressor e aptas a serem deste de criança intituladas de novos super-homens.

Inserir nas qualidades do caráter de uma criança a plenitude de natureza que é o resultado da organização do caos de caracteres opostos, a torna mais propensa a fazer parte da raça forte.

Para Nietzsche, entre os homens, como em toda espécie animal, há um excesso de aleijados, de enfermos, de degenerados, de débeis, de sofrendores; os são constituem uma exceção, e até neste sentido se poderia dizer que o homem é um animal não adaptado ao seu ambiente, uma exceção rara. (Giles, 1989, p. 50).

Com a doutrina do eterno-retorno o homem perde essa expectativa de um paraíso próximo e passa a querer se superar cada vez mais, se sacrificando na busca por um aprimoramento que não seja inválido mas que irá lhe servir no futuro.

O homem vive essa superação a cada dia, buscando sempre conhecer-se e conhecer também o seu mundo para que um dia possa viver sua existência, em meio a essa eterna travessia de uma ponte, como *super-homem*.

O homem não deve procurar uma razão para morrer, deve oferecer dez motivos para viver, pois a vida que lhe foi dada não foi oferecida a ele por um mero acaso, para tudo há um propósito, e Nietzsche acredita que o verdadeiro propósito para nossa existência é o aperfeiçoamento contínuo, buscando sempre a superação de nós mesmos, não para se viver no amanhã e sim o agora, pois o amanhã é uma consequência de nossas atitudes atuais. O homem que ama essa busca e está livre dos antigos conceitos, está no caminho certo para se tornar um *super-homem*.

É nesses termos que Nietzsche nos anuncia o *super-homem*. O *super-homem* é o sentido da terra.

Em relação ao cristianismo Nietzsche acredita que ele nada mais fez além de "gerar conformismo e mediocridade, frustrando o desenvolvimento dos indivíduos superiores". (Giles, 1989, p. 50).

Naturalmente na visão de Nietzsche, a Igreja era a culpada pelos fracassos decorrentes ao desenvolvimento humano, pois era comum se ver a pregação de doutrinas que "podavam" e reprimiam o desenvolvimento cultural científico do homem. A repressão religiosa amedrontava e impedia o homem de superar suas próprias barreiras. Os valores admitidos pelo clero eram castradores, pouco se era admitido, nessa visão a idéia do pecado, e como resultado a vingança de Deus enviando os pecadores para o inferno impediu que surgissem grandes homens naquela época, já que seus maiores receios se resumiam em um conjunto de regras e valores que não podiam ser infringidos.

Quando o homem se supera tornando-se o *super-homem*, ele automaticamente se liberta, perde seu valor instrumental (pois já não serve apenas para manter a ordem) e passa a ter valor em si mesmo, se tornando a encarnação do Estado de ser que todos nos desejamos.

De acordo com Nietzsche somente o *super-homem* é capaz de viver uma vida sadia se tornando bom e criando o belo para se tornarem livres. Os fracos são por natureza impotentes, e nada podem fazer para se tornarem fortes e livres.

A vontade de potencializar-se leva o homem a um ponto alto onde se cultualiza o super-homem, e a idéia do eterno retorno, idéias que mutuamente se completam.

Friedrich Nietzsche, em seu livro *Assim falou Zaratustra*, descreve bem essa dupla visão. A primeira fala de Zaratustra ao povo se inicia por estas palavras: "Também além apanhei no meu caminho a palavra 'super-homem' e esta doutrina: o homem é algo que deve ser superado, o homem há de ser uma ponte e não um fim. O homem é algo que deve ser superado, e o homem que consegue superar-se é o super-homem". (Nietzsche, 1996, p. 49).

Quando ele fala: "...apanhei no meu caminho esta doutrina...", ele quer dizer que tomou para si a idéia de eterno retorno como base para o conjunto de princípios que agora será seguido por ele.

O eterno-retorno perpetua a existência do homem transformando-o não no fim de algo, mas na ponte que o liga a si mesmo por todo o sempre. Para ele o homem que se supera a cada vez que atravessa essa ponte se torna o super-homem. Aquele que estando desvinculado de seus antigos e "decapitadores" valores se reconstrói cada vez melhor a cada travessia, é verdadeiramente a visão do surgimento desse novo homem.

O que há de grande no homem é ele ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e não um acabamento. Aliás, Nietzsche só ama aqueles que sabem viver como que se extinguindo, porque são esses os que atravessam de um para outro lado. Ama os que não procuram detrás das estrelas uma razão para morrer e oferecer-se em sacrifício, mas se sacrificam pela terra, para que a terra pertença um dia ao super-homem. Ama o que vive para conhecer, e que quer conhecer para que um dia viva o super-homem. (Giles, 1989, p. 49).

Aqui temos uma supervalorização dos que amam cada segundo da vida. É importante essa análise positiva da existência, acreditar que a busca por dias melhores não é uma busca "vam". Aqui entendemos porque Nietzsche se revolta contra o cristianismo que como já mencionamos, causou uma depreciação da existência do homem aqui na terra, já que fez com que os homens passassem a esperar uma vida melhor no paraíso e esquecessem de que é importante também se valorizar esta existência.

### CAPÍTULO III

## O NOVO HOMEM: O SUPER-HOMEM

Essa idéia da necessidade do surgimento de uma elite que não estivesse contaminada pela luz do cristianismo foi um pensamento que caminhou com Nietzsche por toda sua vida, obedecendo-o por um seletivo grupo de intelectuais que provocassem uma transmutação de valores e que tivessem para si, o intuito da obrigação e dever maior a proteção de uma cultura superior que em sua opinião seria uma cultura constantemente ameaçada pela vulgaridade democrática.

A teoria de um futuro surgimento desse indivíduo que se livraria dos valores constituídos como bem e mal se tornando um forte seguidor do ateísmo, nascera principalmente devido à evolução decorrente do culto à genialidade.

Quando o homem aceita o eterno retorno, ele está aceitando ao amor fato que ficaria bem caracterizada como a aceitação da vida. Mas aceitar a vida não quer dizer aceitar o homem, porque aqui se está buscando o super-homem, em Assim falou Zaratustra a mensagem primeira é:

O super-homem é o sentido da terra!. Que a vossa vontade proclame: que o super-homem seja o sentido da terra! Eu vos conclamo, meus irmãos, permaneci fiéis à terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças sobrenaturais! (...) Outrora, o delito contra Deus era o maior dos manifestos, mas Deus está morto (...). Agora, a coisa mais triste é pecar contra o sentido da terra! (Reale, 1991, p. 436).

Assim sendo, e estando só este novo homem, o mesmo agora se vê na obrigação de criar um novo sentido à terra. Ressurgirá então o homem novo, o super-homem. Um homem que está além do homem e que se constitui amando e valorizando a terra e que seus valores primordiais são a saúde, a vontade forte, o amor e a constituição de um novo orgulho. Assim, o super-homem substitui os velhos deveres pela vontade própria.

Em seu livro Assim falou Zaratustra, Nietzsche reafirma a necessidade desse super-homem agora tendo autonomia se tornar esperançoso e ter sempre um olhar para frente:

Para Nietzsche quando o homem se encontra nesse estado psicológico o niilismo se faz necessário por duas razões. A primeira é a necessidade que o homem tem de procurar em todos os acontecimentos um sentido que ele não tem até que por fim, quem procura se canse e desista de procurar, e para ele essa desilusão é uma causa do niilismo. Em segundo lugar, "postulou-se totalidade, sistematização e até organização em todo o acontecer e em sua base". (Nietzsche, apud REALE, 1991, p. 435).

Nesse momento de solidão o homem se sente desprovido das "mentiras de vários milênios", como assim dizia Nietzsche, mas ao mesmo tempo se torna solitário. Assim o homem acaba se esbaldando na falta de sentido real das coisas, assim dizia Nietzsche: "Eu encontrei em todas as coisas esta certeza feliz, 'o mundo não tem sentido', elas referem dançar com os pés do acaso". (Nietzsche, 1996, p. 435).

*Assim não havendo nem ordem, nem sentido, surge a necessidade: o mundo tem em si a necessidade da vontade, vontade de se aceitar e de se repetir.* Para Nietzsche o homem não caminha em linha reta, mas vive no eterno retorno: "Todas as coisas eternamente retornam e nós com elas; nós já existimos eternas vezes e todas as coisas conosco". (Nietzsche, 1996, p. 436).

Essa é a doutrina cosmológica de Nietzsche. Assim o homem descobre que a essência do mundo é a vontade; vê que ele é eterno retorno e naturalmente, se reconcilia voluntariamente com o mundo. Aceita as condições impostas aprova esse caminho e não mais procura fugir dele.

Assim Deus havia morrido. Os homens o mataram. Agora uma nova raça de eleitos deveria por si só suportar o peso desse crime, tornando-se assim um novo homem, superando o homem e se tornando como um super-homem.

Como já mencionamos no capítulo anterior, Nietzsche afirma que na verdade só houve um cristão e ele morreu na cruz.

Por isso ele acredita na grande distinção existente entre as mensagens de Jesus do credo e dos discípulos.

E buscando justificar essa distinção ele propõe uma imagem dualista de Jesus: A primeira se baseia na reconstituição de uma psicologia messiânica, ou seja, uma antítese de toda a tradição cristã.

Para Nietzsche, um exemplo claro de contradição ao evangelho e a oferta que Deus faz de Cristo seu filho, como sacrifício do inocente, na remissão do pecador, ou seja, sacrificar um inocente pelas culpas de outrem.

Desde o princípio, a fé cristã é um exemplo de subjugação já que o indivíduo que a possui perde a autonomia, a liberdade, e passa a sacrificar-se mutilando a si mesmo por causa do desconhecido.

Para Nietzsche, o exemplo da ressurreição como modelo de vida após a morte motivou historicamente a desvalorização desta vida, pois, a expectativa da perfeição num outro mundo levou os homens a suportarem as imperfeições deste mundo, e em vez de buscarem melhorias em suas atitudes e aprimoramento em seus deveres, simplesmente se acomodam pois vivem na expectativa da vida eterna onde há o paraíso e onde tudo é perfeição por si só.

Assim o homem se esqueceu de valorizar a este mundo, repudiando-o e vivendo da construção de uma falsa aparência, onde não se valoriza o que há de mais profundo e íntimo na alma e na existência como um todo.

Para Nietzsche, tudo que podia motivar o homem a valorizar sua existência e seu mundo, estabelecendo conceitos de preservação, valorização e perpetuação de seu meio, foi colocado por detrás da mentira de Jesus "ressuscitado". "O conceito do além do mundo verdadeiro foi criado para desprezo do único mundo que existe, para não conservar mais em relação à nossa realidade terrena qualquer exopo, determina razão ou alguma finalidade". (Giles, 1989, p. 42).

Com a morte de Deus o homem deveria por si só suportar as conseqüências desse crime tornando-se assim um novo homem. Nesse ponto o homem se desfaz de suas ilusões, perde a máscara que camuflava as obscuridades da vida, nada mais resta a esse homem, assassino de Deus, apenas o nada como troféu, apenas o vazio para consolar-lhe a solidão.

Assim temos na Filosofia a necessidade em se auxiliar nessa etapa pois é a ela mesma que cabe o papel de começar de novo. Nesse recomeço a Filosofia reaparece como que ressurgida das cinzas dessa falsa moralidade para mostrar aos homens quanta hipocrisia estava encoberta. Assim o verdadeiro filósofo é aquele que se coloca além do bem e do mal, e Nietzsche era considerado por ele mesmo apenas como precursor dos verdadeiros filósofos do futuro. Atuando não como racionalizador de valores mas como construtor de uma nova linha de pensamentos onde serão construídas novas verdades, que seriam no caso como eram chamadas por ele a legislação de valores do futuro.

Nietzsche tinha como principal objetivo a construção de virtudes alicerçadas sobre novos fundamentos como a coragem, sobretudo a coragem moral, a generosidade, a gentileza, a integridade intelectual, a auto-disciplina e o autodomínio.

Seu objetivo principal não é somente a criação de novos valores, ele quer também desmascarar a falsa virtude dada como qualidade aos nossos atuais valores que na realidade, por seus próprios critérios, são caracterizadas como venenosamente imorais.

Conseqüentemente a transmutação dos valores é um processo lento uma questão de consciência, pois o que deve ser percebido primeiro é que realmente Deus morreu e logo após a necessidade de se constituir esses novos valores, já que os antigos deram lugar a uma falsa moralidade. A moralidade dos fracos que cortejam o cristianismo negando a própria vontade de viver em função de uma religião. E esse é o fator que mais deixa indignado a Nietzsche.

Nietzsche pretende travar uma luta contra os valores atualmente aceitos atuando com uma crítica interna a todos os valores existentes, revelando neles toda a mentira e a hipocrisia encoberta.

É dentro dessa perspectiva que Nietzsche parte para a crítica, pois a força dos preconceitos penetrou profundamente no mundo mais intelectual, no mundo mais frio e aparentemente mais despreocupado e menos preconceituoso assim naturalmente operou prejudicando, impedindo, cegando e torcendo as idéias.

Para ele essa nossa moral é por si mesmo venenosamente imoral. Um exemplo claro que temos dessa moral que permeia a alma dos fracos é o cristianismo que para ele representa a própria negação da vontade de viver, tornada religião.

próprio Deus, que destruíram sua própria fé, e que agora resta apenas a ausência preenchida pelo frio do abandono, a humanidade cai em pleno desgosto.

Nietzsche reafirma essa agonia, ao constatar que esse mesmo mundo que perdeu seu Deus não estava preparado para tanto, principalmente porque não se tinha noção das conseqüências tremendas de tal acontecimento e que assim se fazendo verdade que antes rodeava o pensamento humano também estava chegando ao seu fim. Verdade esta que havia acompanhado o homem pelos séculos dos séculos.

O papel profético de Nietzsche consistiu em fazer o diagnóstico da civilização moderna a partir desse fato histórico-cultural, e não em formular uma especulação metafísica acerca de alguma realidade, pois para Nietzsche, Deus é uma resposta rude, uma indelicadeza contra os pensadores.

O que separa Nietzsche de ser considerado um ateu convicto é que ele nunca experimentou o sentimento de fé no divino. Para ele, Deus é apenas um instrumento de conjectura, e esse mesmo Nietzsche quer que toda conjectura faça parte do imaginável e que tudo se transforme naquilo que o homem pode pensar, ver e sentir.

Nietzsche é totalmente contra o Deus cristão que transforma o homem em insignificâncias, para prevalecer a glória de Deus, o que nos retorna a uma visível depreciação do homem e do mundo nesta vida terrena. "Ser cristão é ter um certo gosto pela crueldade, contra si e os outros; o ódio contra formas diferentes de pensar..." (Nietzsche, 1996, p. 42).

O primeiro sintoma da perda da fé nesse Deus que agora está morto é a desvalorização de todos os valores. Foi a partir de Deus que se constituiu o significado dos valores mediante a conscientização e da potencialização da antiga sociedade hoje com a morte de Deus, os valores perderam seu direcionamento e isso aconteceu basicamente porque os mesmos não foram constituídos com bases sólidas que se consolidaram cada vez mais através dos tempos, pelo contrário foram assentadas na areia da mentira e agora se afundam sob a luz da palavra "verdade".

Agora o homem terá uma nova tarefa que deverá lhe sobrecarregar os pensamentos: procurar estabelecer agora, valores que não sejam fundamentados em influências sobrenaturais<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Exatamente o fato de não tomar as palavras no seu sentido literal é que para o anti-realista é condição preliminar para poder começar a falar. (Nietzsche, 1996, p. 34).

## CAPÍTULO II

### DEUS MORREU?

Podemos afirmar que o século XX foi o século da morte de Deus. Talvez isto ainda soe de forma estranha e até inconcebível para alguns, mas se analisarmos de uma forma menos sistemática, a que nos sugere a afirmação, chegaremos à conclusão que nos últimos séculos não só a ciência se desprende definitivamente de algo que possamos chamar de sobrenatural, Deus no caso, como também podemos observar esse *desapego presente na maioria das constituições políticas e dos novos regimes*. Não podendo esquecer é claro de aqui enfatizar que essa “Morte de Deus” vem acontecendo ao longo dos tempos e que ainda podemos observar que a religião ainda se faz presente, e que a mesma ainda é de grande utilidade quando se deseja resgatar os valores éticos e morais. Mas, contudo, deve-se reconhecer que a elite que em quase toda sua totalidade se considera moderna, definitivamente deram as costas a Deus, e naturalmente que isso não aconteceu de uma hora para outra, essa morte visivelmente gradativa aconteceu ao longo do século XIX e agora teve seu ápice no século XX.

Por isso quando Nietzsche anuncia que “Deus está morto” (Nietzsche, 1883), ele apenas abriu os olhos da humanidade para um fato que já estava presente naquela época e que alguns teimavam em não ver ou perceber. E que assim sendo Deus já estava, aos poucos, sendo assassinado pelas ciências naturais e sociais.

Os homens mataram Deus, se entregaram às mesquinhas da vida, esqueceram do Todo Poderoso e seu Criador. “Fomos maus expectadores da vida, se não vimos também a mão que delicadamente mata”. (Nietzsche, 2003, p. 68).

Assim para Nietzsche nada mais importa, os avanços materiais já perderam seus valores, uma coisa apenas, agora percorre seus pensamentos: Deus está morto.

E é nessa afirmação que Nietzsche começa a ser conhecido como louco; o louco que em suas profecias anunciou para o mundo a morte de Deus, e quando as pessoas descobrirem essa perda, já será tarde, e a loucura universal será uma consequência inevitável. As pessoas começaram a perceber que mataram seu

torna restrita a mesquinhez de um conjunto de regras supostamente formuladas por poucos, e por poucos que naturalmente tenham o receio de se exporem e a dar maus exemplos, fazem da moral uma forma de proteger o homem de si mesmo.

E assim ele começa a pôr em questão, os fatores psicológicos que iluminaram o surgimento desses valores, a priori dessa questão e as influências psicológicas que deram força ao surgimento da mesma, são por natureza, suficientes para comprovar que a mesma nada mais é que um sistema "construído para dominar os outros".

A moral em Cristo foi elaborado por fracos que diferente da moral aristocrática, dão bons conselhos, porque como já disse, não podem dar maus exemplos. Para ele essa é uma forma grotesca que os fracos encontraram para subjugar os fortes, enquanto a moral aristocrática se sobressai pela afirmação de si mesmo, a moral dos escravos vai contra a tudo e todos que a ela não estiverem inseridos. *E não à pessoa que visivelmente a subjuga em suas atitudes exteriores.* Para ele a moral nada mais é que uma forma de subjugar os outros. E quem faz uso dela, nada mais são, que pessoas ressentidas, presas à ilusão da democracia e do socialismo, nada mais são que mundos construídos em plataformas de areia que reduzem o homem a um ser que vive apenas de uma aparência inconsistente que ele mesmo constrói sobre si, de tal forma que mesmo quando abertos seus olhos, ele não consegue se desvencilhar das amarras que o prendem à moral que o subjuga.

compreender os fatos, não deixando ser levado só pelo que os outros dizem, mas sim ir em busca da verdade e ser autêntico naquilo que é real, de modo que sua razão possa lhe realizar. Quando o autor retrata o cristianismo seja a “religião da compaixão” não quer dizer que todo cristão seja fraco, mas que muitos se acomodam, ou se escondem ou estão mortos para a vida, esperando em algo que seja desconhecido a si mesmo, ou seja, o medo de si mesmo, induzindo-se ao niilismo. Mas nem todo cristão é fraco, a fé pode ser também uma racionalidade do homem que acredita em si, e busca para si, tudo que lhe faz crescer intelectualmente, absorvendo para si mesmo, somente o que lhe fará bem, ou seja, é ter o controle do que seja real para mim e do que seja metafísico, o que está além. “Compreender as fronteiras da razão, é isso unicamente a verdadeira filosofia”. (Nietzsche, 1988, p. 108).

Quando Nietzsche lança contra a “metafísica cristã” a acusação de ser niilista e, a mesma considerar a relação entre “tempo e eternidade”, requer que, apenas o homem poderá medir, de acordo com sua capacidade racional? Ou como não se pode medir o tempo, temos que aproveitá-lo para ir em busca do que realmente nos faz bem e seja de nosso objetivo conhecer? O homem que supera a angústia de tudo que é metafísico, como a “morte de Deus” para a salvação da humanidade e requer um conhecer claro e objetivo, sem dúvida alguma é um ser autêntico, e está preparado para viver com autenticidade, pois todo ser humano, tem que se firmar diante de seu objetivo vital e intelectual, demonstrar a si mesmo sua capacidade, de superar-se diante dos fatos e alcançar sua liberdade diante do objetivo proposto.

Nietzsche em sua constante crítica ao cristianismo e a Deus como um todo, também fez severas observações em relação à moral de Deus, moral esta que ele chama de moral dos escravos.

Para ele, “moral” nada mais era do que um conjunto de valores que dominavam e que aliás dominam a sociedade até hoje. Ele possuía em seu peito um grande sentimento de revolta contra esse conjunto de valores entitulado por valores morais que tratavam-se dos costumes ou dos deveres do homem para com o próximo e para consigo mesmo.

Para Nietzsche a moral que subjuga o homem leva-o a um sistema que o faz retroceder a um certo medo do perigo e da sedução, ou seja, tudo que o levava a agir de forma contrária ao que a moral propõe e isso podava a liberdade humana e a

Uma crítica aos teólogos que incutem uma noção de verdade totalmente distorcida da moral e da virtude, apelando para os sentimentos da fé, salvação e eternidade, impedindo o homem de conhecer a sua própria capacidade e sua objetividade. O que Nietzsche mais condena é a questão das ordens e normas impostas, e caso sejam descumpridas, isso era considerado uma ofensa a Deus, um desdenhador da verdade estipulada pelo cristianismo, pois o mesmo não aponta nenhuma noção de realidade, pois deriva de causas imaginárias como o próprio Deus, alma espírito, o livre arbítrio, o não livre, que produzem efeitos imaginários, como o pecado, a salvação, o perdão, o castigo que nada tem a ver com as causas naturais e reais. A realidade, é o que vemos, pensamos e concluimos, e, o que nos faz sentir realizados, o que não conhecemos não podemos saber se é bom ou mau, por isso não devemos nos frustrar e nem fraquejar diante dos fatos, pois a fraqueza induz ao nada, deixando o homem cada vez mais sem poder de domínio de si mesmo.

O cristão e o anarquista, ambos são decadentes, ambos incapazes de proceder de outro modo, senão de uma maneira dissolvente, venenosa, debilitante, esgotando o sangue; ambos têm, por instinto um ódio de morte contra tudo o que existe, tudo o que é grande, tudo o que tem duração, tudo quanto promete futuro à vida... (Nietzsche, 1988, p. 117).

Sabe-se que o cristianismo, com seu domínio e o poder de manipular o homem, que muitas vezes, por medo de enfrentar os fatos, se deixar levar, simplesmente pela fraqueza de não acreditar em si mesmo e ultrapassar seu limite, tornando-se livre, e ir em busca de seu próprio conhecer racional. Só nos tornamos livres quando acreditamos em nós mesmos, e naquilo que nossa razão intercede, e que não seja algo além de nosso intelecto.

Os filósofos costumam falar da vontade como se ela fosse a coisa mais conhecida do mundo; Schopenhauer deu a entender que apenas a vontade é realmente conhecida por nós, conhecida por inteira, sem acréscimo ou subtração. (Nietzsche, 1886, p. 23).

Quando duvidamos, estamos com certeza nascendo para uma nova vida, ou seja, estamos saindo de uma prisão a qual nós mesmos entramos. A liberdade do homem só é considerada a partir do momento em que ele usa sua razão para

## CAPÍTULO I

### NIETZSCHE E O CRISTIANISMO

Nossas decisões norteiam nossa vida impondo regras, virtudes, proezas que nos permitem plenitude ou fatalidade, cada uma depende de sua escolha.

O destino do cristianismo encontrou-se na necessidade em que se encontrava de tornar a sua crença tão enferma, tão baixa, tão vulgar, como doentes, baixas e vulgares eram as necessidades que devia satisfazer. (Nietzsche, 1988, p.70).

O cristianismo é uma escolha dos homens, movido pela compaixão que são fracos e vulneráveis, fáceis de ser dominados. Segundo Nietzsche, o homem é reduzido pelo cristianismo a um animal doméstico, que teme a um ensinamento que lhe é sobreposto para obter o seu controle e deixar que seu mundo seja somente o que lhe dizem, e podam qualquer conhecimento a qual queira fluir de si mesmo. O homem fraco, é fácil de ser dominado e manipulado por qualquer resistência cristã, onde Nietzsche quer dizer que, o homem tem que resistir a tudo e a todos e não acreditar em tudo que lhe dizem, questionar e buscar, conhecer de fato. "O cristianismo foi até o presente a maior desgraça da humanidade" (Nietzsche, 1988, p. 100).

E muitas vezes temos que fugir das regras da lei moral para buscar compreender o que não concordamos e principalmente com o cristianismo que induz o homem ao niilismo, a uma falsa felicidade, transformando-a em um ser incapaz de ir em busca de seu próprio objetivo, pois tudo que nasce da fraqueza é mau, e o que desperta o sentimento de poder, conhecer cada vez mais é bom para o homem. A vontade de poder enaltece o homem, e faz com que o seu desejo de viver seja cada vez mais autêntico, alcançando a felicidade, daí vem a boa sensação de que a resistência de fraqueza foi vencida, tornando assim uma pessoa livre capaz de ir além em busca de seu próprio objetivo. "A compaixão induz ao nada!", ter compaixão de si mesmo é acreditar em algo que está além de nosso intelecto, além de nosso conhecer real, além de nossa razão, como o próprio "Deus", que é uma retórica de uma moral religiosa mascarada de virtude do bem para vida do ser humano.

- Quarta → atacar somente as coisas das quais se exclui qualquer antipatia pessoal, para as quais falta todo e qualquer sentimento de esperança triste.

É fato que o homem moderno tenha se surpreendido ao constatar que seus valores não mais lhe davam nenhuma finalidade ou sentido à sua vida. E diante de tamanha problemática Nietzsche indaga se ainda é possível encontrar um novo caminho, uma nova direção para nossos valores, para que assim tenhamos uma nova meta, que nos dará uma verdadeira finalidade à vida humana, capaz de nos ofertar a felicidade, embora a felicidade e a virtude não sejam argumentos a favor da verdade de determinada posição moral.

Os únicos valores que Nietzsche aceita são estéticos, e é partindo desse princípio que Nietzsche inicia sua procura por novos valores. E é em suas obras onde mais se observa fielmente essa perspectiva, entre seus livros que mais influenciaram o pensamento europeu estão: *Além do bem e do mal*; *Assim falou Zarathustra*; *Humano demasiado humano*; *A gaia ciência*; *A vontade do poder*; e *O Anticristo*.

E é por essa última mas não menos importante obra, em que nos embasaremos. Pois foi para derrubar as falsas certezas da moral que em 1888 Nietzsche concebeu essa obra, publicada em 1895. Nesta, que nos servirá de base para nossa análise o niilismo nietzschiano lança-se contra a moral que luta por conservar vivo tudo aquilo que já foi condenado pela história, o que é o caso do cristianismo que atribui moralidade e pureza a um Deus como reação ao fato que não é mais real, baseando, na sua morte, a sua existência. Estaremos fazendo uma análise sistemática da obra mencionada anteriormente e que tem por codinome "Maldição do Cristianismo". O estudo será dividido em três capítulos principais. No primeiro capítulo, faremos uma introdução da visão de Nietzsche, enfatizaremos principalmente o porquê do homem ter se deixado dominar pelo cristianismo. No segundo, faremos uma análise da expressão "morte de Deus", levando o leitor a uma profunda análise íntima que resultaria em algumas indagações: "Será que Deus realmente morreu?". O terceiro e último capítulo, discutiremos o surgimento de um novo ser, um ser desprovido de falsos vícios, um titã moderno, liberto de toda e qualquer ladainha cristã, que desprezaria qualquer sentimento de arrependimento, varrendo de si a fraqueza da piedade.

## INTRODUÇÃO

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röcken, na Saxônia, a 15 de outubro de 1844. De 1858 a 1864 foi bolsista em Schulpforta, escola famosa por seu alto nível de formação humanística.

Em 1864 Nietzsche inicia sua vida universitária na Universidade de Bonn, na seção de Filosofia Clássica, onde conheceria seu mestre e inspirador, o professor e grande filólogo Friedrich Ritsche a quem acompanhou à Universidade de Leipzig. Foi a partir desse contato com Ritsche que Nietzsche adquiriu o olhar livre ante a realidade, a não circumspecta, a paciência e a seriedade nas coisas mais pequenas, a arte de distinguir o real do irreal.

É interessante enfatizar que para Nietzsche as questões filosóficas deviam sempre ser tratadas com a máxima seriedade pois é uma visão com a qual o homem deve viver e não apenas uma simples aquisição intelectual. Dela se dá a realidade tanto constitutiva como regulativa da existência humana e assim sendo ela pode determinar a própria natureza e seu mundo experimental e conseqüentemente seus padrões racionais.

Nietzsche tinha uma forma muito particular de filosofar. A autocontradição, que buscava indagar as coisas que ainda não haviam sido indagadas, partindo de afirmações contrárias. Ele acreditava que aquele que assume a atitude contrária paga asperamente por ter julgado os homens e as coisas com sim ou não, sendo que na afirmação, negar e destruir constituem uma condição essencial do filosofar.

A prática filosófica de Nietzsche, se analisada de forma simplificada, se resume em quatro proposições:

- Primeira → atacar somente as coisas vitoriosas.
- Segunda → atacar somente as coisas para as quais não se poderiam encontrar companheiros, onde se está só, onde se é o único a comprometer-se.
- Terceira → não atacar nunca as pessoas, e sim, servir-se delas como uma lente de aumento com que se possa tornar visível algum mal comum, mas oculto, difícil de ser pesquisado.

“O Diabo tem as mais amplas perspectivas sobre Deus, motivo pelo qual se mantém tão afastado dele. O Diabo: o mais velho amigo do conhecimento”

Friedrich Nietzsche

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I – NIETZSCHE E O CRISTIANISMO.....	8
CAPÍTULO II – DEUS MORREU?.....	12
CAPÍTULO III – O NOVO HOMEM: O SUPER-HOMEM.....	17
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de dissertação que é requisito para a conclusão do curso de Filosofia:

Primeiramente a Deus, deixando claro que as informações aqui existentes são unicamente restritas a uma análise filosófica de uma obra polêmica de Friedrich Nietzsche, "O Anticristo", o que não quer dizer que eu siga essa mesma linha de pensamento.

A meus pais, que tornaram possível minha vida e tudo que a ela se compõe;

A meus filhos, professores e amigos que são meu motivo maior de alegria; a meu companheiro Rafael Marcel que se fez paciente, perseverante e compreensivo, vivendo comigo a expectativa de alcançar mais essa vitória, provan- ser muito mais que um marido; um companheiro, amigo e confidente.

Por fim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para o meu crescimento pessoal durante esses quatro anos de jornada.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

Aprovada em: 15 / 12 / 2004.

---

José João Neves Barbosa Vicente  
(Professor Orientador)

RUBIATABA – GO  
2004

DEUZELINA JANSE PEREIRA DA SILVA

## **SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO “DEUS MORREU” EM NIETZSCHE**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba - FACER como requisito para conclusão de graduação em Filosofia, sob a orientação do professor José João Neves Barbosa Vicente.

FACER  
2004

DEUZELINA JANSE PEREIRA DA SILVA



**SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO “DEUS MORREU” EM NIETZSCHE**

30689  
500x

Tombo n°	9457
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19.02.05

FACER  
2004